

A RECEPÇÃO ANGLO-AMERICANA DE OS *SERTÕES*:  
OS PRIMEIROS LEITORES

LUIZ FERNANDO VALENTE  
Brown University

I

Desde a publicação de **La Guerra del fin del mundo** em 1981, Mario Vargas Llosa tem sido considerado o mais importante leitor e adaptador de **Os Sertões** fora do mundo das letras brasileiras. Entretanto muito antes da publicação da brilhante adaptação de Vargas Llosa, a obra prima de Euclides da Cunha foi lida, admirada e imitada no mundo das letras anglo-americanas desde a segunda década do nosso século. Esses primeiros leitores anglo-americanos merecem nossa atenção não só porque oferecem interpretações originais de **Os Sertões**, mas também porque seu relacionamento com a obra euclidiana levanta interessantes questões teóricas sobre o problema da recepção.

Este ensaio concentra-se em três dos primeiros leitores de Euclides da Cunha no mundo anglo-americano: Robert Bontine Cunninghame-Graham, o autor de **A Brazilian Mystic: Being the Life and Miracles of Antonio Conselheiro** (1920); Isaac Goldberg, o autor de **A Brazilian Literature** (1922), um dos primeiros esforços nos países de língua inglesa de se escrever uma história da literatura brasileira; e Samuel Putnam, cuja tradução de **Os Sertões** para o inglês é conhecida como **Rebellion in the Backlands** (1944). Apesar das enormes diferenças nas suas biografias, Cunninghame-Graham, Goldberg e Putnam se aparentam na sua admiração pelo grande livro de Euclides. E mais importante ainda, há uma distinta continuidade entre as maneiras como esses três homens de letras receberam **Os Sertões**, o que nos permite falar de uma tradição crítica anglo-americana sobre Euclides da Cunha.

II

Embora Robert Bontine Cunninghame-Graham tenha nascido em Londres em 1852, filho de pai escocês, e recebido a educação tradicional de um aristocrata britânico, desde muito cedo sua vida esteve ligada à América do Sul.<sup>1</sup> Menino ainda, Cunninghame-Graham aprendeu a língua castelhana com sua mãe, ela mesma metade espanhola, e conviveu com a cultura hispânica durante visitas à sua avó espanhola na Ilha de Wight e aos parentes espanhóis em Cádiz. Aos dezessete anos Cunninghame-Graham partiu para a América do Sul, onde viveu entre "gauchos" nos pampas argentinos, lutou na revolução contra o presidente Domingo Faustino Sarmiento, negociou mate no Paraguai e vendeu cavalos no Uruguai e no Brasil. Depois da morte de seu pai em 1883, Don Roberto, como era conhecido na América do Sul, regressou à Grã-Bretanha, onde se tornou membro do Parlamento em 1886. Influenciado pelo socialismo de John Burns, Cunninghame-Graham provocou celeumas com suas idéias progressistas, tais como o sufrágio universal, a educação secular e gratuita, uma jornada de trabalho de oito horas, o imposto de renda graduado, a abolição da pena de morte, a necessidade de uma reforma das penitenciárias e, finalmente, a própria dissolução da Casa dos Lords. Durante toda a sua vida Cunninghame-Graham postou-se sempre do lado dos fracos e dos destituídos. Seu sentido radical de justiça levou-o a assumir uma posição anti-imperialista e anti-colonialista, revelada no seu apoio à causa da independência irlandesa, no seu desdém pelo capitalismo e na sua defesa por vezes quixotesca dos povos do Novo Mundo contra a opressão econômica pelas mais poderosas nações européias. Depois de perder seu posto

---

<sup>1</sup> Minhas fontes para a biografia de Cunninghame-Graham são **Cunninghame-Graham: A Critical Biography**, de Cedric Watts e Laurence Davies, e a "Introdução" de John Walker a **The South American Sketches of R.B. Cunninghame-Graham**.

no Parlamento Britânico em 1892, Cunninghame-Graham continuou a viajar intensivamente até sua morte em Buenos Aires em 1936. Escritor extremamente prolixo, sua bibliografia inclui mais de trinta livros e panfletos, muitos dos quais tratam de temas ligados à América do Sul, e cerca de cinquenta prefácios a livros de outros autores, tais como **Lord Jim** e **Tales of Hearsay** de seu grande amigo Joseph Conrad.

No prefácio de **A Brazilian Mystic** Cunninghame-Graham diz ter ouvido a história de Antônio Conselheiro pela primeira vez quando o navio em que viajava com destino ao Uruguai fez escala na Bahia. Cunninghame-Graham teria comprado livros sobre os eventos de Canudos quando o navio aportou no Rio e em Santos e, a partir dessas leituras, teria escrito sua versão sobre a vida de Antônio Conselheiro. O que Cunninghame-Graham não revela, contudo, é que sua biografia do Conselheiro é obviamente calcada no livro de Euclides da Cunha, fato que manchou permanentemente a reputação do escritor escocês aos olhos de alguns estudiosos brasileiros. Seu crítico mais virulento é sem dúvida Frederick C. H. Garcia que, em *Visão Americana sobre as Letras Brasileiras*, tese de doutorado defendida na New York University em 1969, e em *Duas Apresentações de Euclides da Cunha*, um mordaz ensaio publicado em 1970 na revista norte-americana **Luso-Brazilian Review**, o considera como um mero plagiador de Euclides.<sup>2</sup> Não resta dúvida que muitas passagens de **A Brazilian Mystic** foram desavergonhadamente "emprestadas" a **Os Sertões**. É verdade, também, que embora Cunninghame-Graham utilize o livro de Euclides da Cunha como sua principal -- e segundo Frederick Garcia -- única fonte, o autor escocês só menciona Euclides pela primeira vez numa nota de rodapé na página 42, e no texto propriamente dito na página 69. Todavia, como pretendo demonstrar, a acusação de plágio é algo simplista e, do ponto de vista deste ensaio, um tanto irrelevante.

É difícil discordar da meticulosa análise com que Frederick Garcia pretende provar como **A Brazilian Mystic** não é produto de pesquisa independente realizada por Cunninghame-Graham sobre os eventos de Canudos, mas, ao contrário, depende quase que exclusivamente -- Garcia não aceita nem mesmo esse "quase" -- da versão de Euclides da Cunha em **Os Sertões**. Entretanto as duas questões que mais preocupam Garcia e que constituem o suporte de sua invectiva contra Cunninghame-Graham, isto é, a utilização supostamente desonesta do texto de Euclides e o conhecimento limitado da cultura brasileira e da língua portuguesa pelo autor, não destróem por completo a importância de **A Brazilian Mystic**. Para começar seria bom lembrar que apesar de nossa dependência pós-romântica na originalidade como critério fundamental para a avaliação dos méritos de uma obra literária, a tradição literária ocidental revela, ao contrário, um equilíbrio entre as concepções do escritor como *criador* e como *imitador*.<sup>3</sup> De fato, a categoria crítica dominante ao longo da tradição literária ocidental não é a originalidade, mas a imitação. A história literária está, aliás, repleta de grandes imitadores, de Chaucer a Shakespeare, de Camões a Machado de Assis, que não ficam nada a dever aos seus modelos. Com a ênfase recente sobre a *intertextualidade*, o elemento da imitação no texto literário tem sido revalorizado, mas mesmo assim o conceito da obra como um produto original da sensibilidade de um indivíduo continua a prevalecer nos estudos literários. Não estou aqui querendo nem "matar o autor" nem muito menos fazer a apologia do plágio. Entretanto, embora seja impossível justificar a omissão de Cunninghame-Graham em dar o devido crédito a Euclides da Cunha, esse desleixo não deve ser o único critério para se avaliar **A Brazilian Mystic**. Por menos original (no sentido romântico do termo) que Cunninghame-Graham tenha sido, por mais limitado o seu conhecimento da cultura brasileira ou por mais imperfeito o seu domínio da língua portuguesa, o *fato* é que sua adaptação do livro de Euclides da Cunha teve um enorme impacto na divulgação do Brasil no mundo anglo-americano e exerceu uma grande influência no estabelecimento de uma linha crítica anglo-americana sobre Euclides da Cunha. Esta linha é importante não só porque prova a atração que **Os Sertões** e os eventos de Canudos tiveram no mundo das letras anglo-americanas, mas especialmente porque, tendo

---

<sup>2</sup> Em *Duas Apresentações de Euclides da Cunha* Garcia diz que o livro de Cunninghame-Graham não passou de "um caso de plágio" (25). Em *Visão Americana sobre as Letras Brasileiras* Garcia vai ainda mais longe, chamando Cunninghame-Graham de desonesto e acusando-o de desconhecer tanto a língua quanto a cultura brasileira, e de, portanto, não só ter muitas vezes copiado Euclides, mas também ter adulterado o pensamento do autor de **Os Sertões**. Garcia conclui afirmando peremptoriamente que "de toda esta discussão de **A Brazilian Mystic** deve ter ficado claro, em primeiro lugar, que Cunninghame-Graham não tinha competência para escrever sobre o Brasil" (145).

<sup>3</sup> Esta questão tem ocupado muitos estudiosos do Renascimento. Rosalie Colie a trata exaustivamente em **Paradoxia Epidemica: The Renaissance Tradition of Paradox**, enquanto que **The Light in Troy: imitation and Discovery in Renaissance Poetry** de Thomas M. Greene é provavelmente o estudo mais completo sobre a questão da *imitatio* durante a Renascença. Não se pode esquecer, outrossim, do influente ensaio *Tradition and Individual Talent*, em que T.S. Eliot propõe que todo grande poema transcende a personalidade do autor e contém uma concessão da individualidade do poeta à tradição.

gerado interpretações originais e talvez impossíveis para um crítico brasileiro, acabou por ampliar nossa compreensão do livro de Euclides da Cunha.

Ignorando a possível mistificação de Cunninghame-Graham, prefiro caracterizar **A Brazilian Mystic** como uma adaptação, através da qual o autor, apesar de todas as suas deficiências de conhecimento sobre o Brasil e no uso da língua portuguesa, torna os eventos em Canudos acessíveis ao público de língua inglesa, que pouco conhecia sobre o Brasil. Não resta dúvida que ao recontar a história de Antônio Conselheiro numa prosa bastante direta, Cunninghame-Graham trai a visão grandiosa e a riqueza estilística do livro de Euclides da Cunha. Falta a **Brazilian Mystic** o sopro épico de **Os Sertões** não só porque Cunninghame-Graham não possuía o mesmo talento literário de Euclides da Cunha, mas também porque seus objetivos eram diferentes dos do escritor brasileiro. Embora ao acentuar as descontinuidades entre o litoral e o sertão Euclides questione a possibilidade de uma identidade nacional brasileira, seu livro, paradoxalmente, faz parte daquela busca de uma epopéia brasileira, isto é, de um texto que criasse um sentido de identidade nacional. O estilo neo-barroco de Euclides da Cunha não é uma escolha gratuita, mas uma resposta paródica<sup>4</sup> aos textos ufanistas dos séculos dezessete e dezoito, tais como **Diálogo das Grandezas do Brasil** (1618) de Ambrósio Fernandes Brandão e **História da América Portuguesa** (1730) de Sebastião da Rocha Pita, para os quais não há precedente na tradição literária de língua inglesa. Assim, para Euclides da Cunha, Antônio Conselheiro representa a epítome dos dilemas da nação brasileira, enquanto que seu livro estabelece um diálogo intertextual com um elemento imprescindível para se compreender a cultura brasileira: o *ufanismo*. Para Cunninghame-Graham, ao contrário, Conselheiro é um indivíduo cuja biografia é um registro da vida numa região remota da América do Sul num dado momento histórico. Essa biografia prova a relatividade dos valores culturais europeus, ao mesmo tempo em que conduz o leitor a uma reflexão sobre questões de significado universal.

Colocados lado a lado, tanto **Os Sertões** quanto **A Brazilian Mystic** ganham mais do que perdem. Ao justapormos os dois livros, a superioridade *literária* da obra-prima de Euclides da Cunha fica claramente ressaltada. Por outro lado, ao refletir os interesses de Cunninghame-Graham, **A Brazilian Mystic** revela novos significados nos eventos de Canudos, até então apenas latentes no texto de Euclides. Por exemplo, o defensor da liberdade que foi Cunninghame-Graham, escrevendo logo após o final da Primeira Grande Guerra, se detém no absurdo das guerras e vê Antônio Conselheiro como um lutador pela causa da justiça, elementos geralmente não enfatizados pelos euclidianistas brasileiros. Não deve surpreender, portanto, que no fim do seu livro Cunninghame-Graham chame a atenção do leitor para algo bem diferente do que faz Euclides da Cunha. Euclides é o cientista e o nacionalista: "Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo das circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura.... É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades..." (572- 573). Cunninghame-Graham é o libertário, cuja retórica recupera, de certa forma, a voz dos fanáticos seduzidos pela visão milenarista do carismático Conselheiro:

*Under a covering of earth, in a grave, shallow, and dug in haste, the conquerors, after a search, came on the body of Antonio Conselheiro. Dressed in his long blue tunic, his hands crossed piously, clasping a crucifix against his breast, he lay, waiting the coming of the King, that Don Sebastian who he believed should come to rule the world in glory, blot out injustice, cast down the mighty, and exalt the poor in spirit, giving them the world as their inheritance. (238)*

---

<sup>4</sup> Sigo aqui a concepção mais moderna de paródia, segundo a qual a paródia não resulta numa rejeição do modelo parodiado, mas, ao contrário, inclui uma **apreciação** daquele modelo. Em **The Light in Troy** Thomas Greene propõe que "every creative imitation mingles filial rejection with respect, just as every parody pays its own oblique homage" (46); em **A Theory of Parody: The Teaching of Twentieth-Century Art Forms**, Linda Hutcheon afirma que "I see parody as a method of ascribing continuity while permitting critical distance" (20); e não se deve esquecer que Mikhail Bakhtin, discutindo a paródia na Antigüidade no seu famoso livro sobre Dostoevsky, diz que a paródia não implica numa completa rejeição do objeto parodiado (ver **Problems of Dostoevsky's Poetics** 127).

### III

Ao contrário de Cunninghame-Graham, Isaac Goldberg e Samuel Putnam revelam abertamente seu enorme entusiasmo por **Os Sertões**. Goldberg considera o livro de Euclides da Cunha como uma das obras mais notáveis da literatura moderna em língua portuguesa. Na introdução a **Rebellion in the Backlands** Putnam chama **Os Sertões** de o "maior livro da literatura brasileira" (iii), enquanto que em **Marvelous Journey: A Survey of Four Centuries of Brazilian Writing** (1948), Putnam refere-se à obra prima de Euclides como "um dos livros mais extraordinários jamais escritos" (202). É interessante observar que ambos os autores reconhecem a influência de Cunninghame-Graham. Goldberg diz que **A Brazilian Mystic**, que aliás considera como um livro notável, "nunca teria sido escrito se Euclides da Cunha não tivesse trabalhado na obscuridade para produzir **Os Sertões**" (210), enquanto que Putnam espera servir "a causa da compreensão cultural neste hemisfério" trazendo para os leitores de **A Brazilian Mystic** "a obra que o inspirou" (viii). Ao mencionarem o livro de Cunninghame-Graham, Goldberg e Putnam não deixam dúvida que a fortuna crítica do livro de Euclides da Cunha no mundo anglo-americano está intimamente interligada com o sucesso de **A Brazilian Mystic**. Além disso, os comentários de Goldberg e Putnam, ambos conhecedores de **Os Sertões** demonstram que é possível abordar o livro de Cunninghame-Graham sem cair no rígido nacionalismo de Frederick Garcia.<sup>5</sup>

Isaac Goldberg era, além de editor, crítico de música e literatura, conhecido não só por seus estudos sobre a literatura latino-americana e suas traduções de autores latino-americanos, mas também por seus livros sobre compositores como George Gershwin e a dupla William Gilbert-Arthur Sullivan.<sup>6</sup> Nascido em Boston em 1887, Goldberg estudou na universidade de Harvard, onde recebeu os graus de A.B., A.M. e Ph.D. Goldberg começa a publicar sobre o Brasil em 1915, quando aparecem em **Bookman** três estudos de sua autoria sobre a literatura latino-americana, intitulados *What South Americans Read*. Em 1920 Goldberg edita o volume **Brazilian Tales**, uma coleção de suas traduções de contos de Machado de Assis, José de Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto e Carmen Dolores precedidos de uma introdução, e em 1922 publica **Brazilian Literature**, escrito por sugestão de J. D. M. Ford, seu mentor em Harvard.

Em **Brazilian Literature** Goldberg dedica um capítulo de doze páginas a **Os Sertões**. As constantes referências a Cunninghame-Graham não deixam dúvida que Goldberg considerava o escritor escocês como seu precursor. Goldberg vai, no entanto, muito mais longe que Cunninghame-Graham. Depois de estabelecer diversos paralelos entre a literatura brasileira e a literatura norte-americana na introdução e nos capítulos iniciais de seu livro, Goldberg elogia **Os Sertões** abertamente no ensaio sobre Euclides da Cunha, afirmando que o grande livro de Euclides é um caso único na literatura brasileira e que, além disso, não existe na literatura norte-americana nenhum livro de semelhante estatura (220). Semelhantemente a Cunninghame-Graham, que havia visto o livro de Euclides como um testemunho da estupidez e do desperdício da guerra, Goldberg projeta seus próprios interesses na sua leitura de **Os Sertões**. Para este os eventos descritos por Euclides da Cunha são emblemáticos da brutalidade desumanizadora que acompanha qualquer forma de perseguição. Segundo Goldberg é esta a mensagem mais importante que o livro deve ter para os norte-americanos: "More, a close reading of the government's application of force to a situation that might have yielded to less warlike methods, -- or, at least, that might have been managed without the necessity of the final massacre -- could teach something to all governmental departments that are brought into contact with alien or extra-social groups which must be incorporated into the national entity" (220). Aqui Goldberg está não só insistindo sobre a igualdade e a

---

<sup>5</sup> Comentando sobre o uso por Goldberg de trechos de **A Brazilian Mystic** no ensaio sobre Euclides em **Brazilian Literature**, Frederick Garcia insiste que Goldberg estava ciente do plágio de Cunninghame-Graham, mas preferiu, por razões pessoais, não mencioná-lo: "O capítulo não entra no problema de plágio, mas patenteia uma possível desconfiança de que o livro sobre o místico brasileiro era intimamente ligado ao trabalho de Euclides da Cunha. Goldberg não desenvolveu a idéia, talvez por não desejar a responsabilidade de uma acusação tão séria a um escritor, talvez por não se sentir em condições de sustentar a acusação" (*Dois Apresentações de Euclides da Cunha* 25).

<sup>6</sup> Minhas principais fontes biobibliográficas sobre Isaac Goldberg são **Twentieth Century Authors**, editado por Stanley J. Kunitz e Howard Haycraft, e **Literary Writings in America: A bibliography**.

tolerância de uma maneira que é tipicamente norte-americana, mas está também expressando preocupações que são de particular significado para um norte-americano de origem judaica no início da década de vinte. Para Goldberg, a mensagem de **Os Sertões** é ao mesmo tempo pessoal e universal:

*Here is a volume -- and a thick, compact volume it is -- dealing in quasi-reportorial spirit with a brief incident in the most hidden recesses of the national interior; it was not written with belles-lettres in mind; it is strewn with terms and processes of thought that baffle the ordinary reader. Yet the man who composed it was a vibrant personality, and whether knowingly or unwittingly, he made the book a symbol, -- a symbol of uncomprehending persecution, of human fanaticism, of religious origins, of man's instinctive seeking after something higher. It is true that the persecution was in part necessary, that the aspect of fanaticism here revealed is most repugnant, that the spectacle of religious origins does not flatter our unctuous, supposedly civilized, superior souls. But it is true, likewise, that we must gaze into such depths as these to remind ourselves occasionally that we dwell in these inferiors. (221)*

Não conheço nenhum crítico brasileiro de Euclides que tenha discutido **Os Sertões** nesses termos.

#### IV

Para entendermos a atração de Samuel Putnam pelo Brasil e pela literatura brasileira, em particular pelo livro de Euclides da Cunha, é necessário examinar sua longa e variada carreira.<sup>7</sup> Nascido em 1892 no estado de Illinois, Putnam começa a aprender línguas ainda muito jovem, e é premiado com uma bolsa de estudos da Universidade de Chicago por excelência em Latim. Embora tenha estudado na Universidade de Chicago por dois anos, nunca se forma, em parte por causa de problemas de saúde. Em 1926, instigado por H. L. Mencken, Putnam, que trabalha então como crítico de arte e literatura na revista **Saturday Evening Post**, faz um mordaz ataque aos poetas da Renascença de Chicago, o que o força a deixar a cidade. Putnam muda-se então para Paris, tornando-se colaborador regular dos jornais **Chicago Daily News** e **New York Sun**, e, ocasionalmente, do **New York Times**. Putnam traduz também escritores franceses e italianos para financiar seus projetos editoriais. Em 1930 Putnam funda a revista **New Review**, na qual publica um grande número de autores importantes do tempo, como Ezra Pound (que exerce a função de editor associado), Jean Cocteau, Samuel Beckett, Ford Maddox Ford, Miguel de Unamuno, Boris Pasternak, Guillaume Apollinaire, James T. Farrell, Tommaso Marinetti, e seu grande amigo Henry Miller. (Putnam é o modelo para o personagem Marlowe, de **Trópico de Câncer**.) À medida que suas idéias políticas o conduzem cada vez mais para a esquerda, Putnam começa a ter sérios problemas no seu relacionamento com Ezra Pound. Depois de romper seus laços com Pound e associar-se ao partido comunista, Putnam deixa a França em 1933, regressando aos Estados Unidos, onde assume posições como professor na "Escola de Operários" de Filadélfia e colaborador do periódico **The Daily Worker**. Por volta de 1945, entretanto, seu interesse pelo comunismo já tinha arrefecido.

Samuel Putnam é atraído pela literatura brasileira já bastante tarde em sua carreira literária. O primeiro trabalho de Putnam sobre a literatura brasileira é uma pequena resenha de **Três Caminhos** do escritor carioca Marques Rebelo, em 1933.<sup>8</sup> Putnam é também o responsável pela seção de literatura brasileira em **Handbook of Latin-American Studies** desde a publicação do primeiro volume em 1936 até 1948. Ao contrário de Goldberg, que nada escreveu sobre o Brasil depois da década de vinte, Putnam nunca mais abandona seu interesse pela literatura brasileira. É em 1941 que Putnam começa a trabalhar na sua tradução de **Os Sertões**, que é publicada em 1944 por Alfred Knopf como **Rebellion to the Backlands. A Marvelous Journey**, sua história da literatura brasileira, aparece três anos mais tarde. Nessa altura Putnam já é

---

<sup>7</sup> Minha fonte principal sobre a carreira de Samuel Putnam é o ensaio de Karen Lane Rood, incluído no volume 4 do **Dictionary of Literary Biography**.

<sup>8</sup> Frederick Garcia marca o ano de 1933 como o início da carreira de brasilianista de Samuel Putnam (*Visão Americana* 456).

bastante conhecido no Brasil, tendo feito muitos amigos durante uma série de conferências proferidas em 1945 sob os auspícios do Departamento de Estado americano, e tendo recebido do governo brasileiro o Prêmio Pandiá Calógeras em 1947.

Apesar dos problemas inevitavelmente embutidos numa tarefa de tal magnitude como verter para o inglês um livro da complexidade de **Os Sertões** a tradução de Putnam é de boa qualidade, além de ser cuidadosamente anotada, e precedida de uma interessante e perceptiva introdução. Como Goldberg, Putnam presta uma homenagem a Cunninghame-Graham, mencionando-o tanto em **Rebellion to the Backlands** quanto em **A Marvelous Journey**. Sua apreciação de Cunninghame-Graham não deve surpreender, porque os dois escritores compartilham não só um enorme afeto pela América do Sul, mas também muitas posições políticas. Seguindo os rastros de Goldberg, Putnam traça também algumas analogias entre a literatura brasileira e a literatura norte-americana, e sugere haver uma conexão natural entre esses dois países do Novo Mundo. Todavia, enquanto as preocupações de Goldberg eram literárias e humanísticas num sentido mais geral, Putnam deixa entrever sua agenda política. Sua sugestão que **Os Sertões** é uma obra prima injustamente desconhecida lhe dá a oportunidade de criticar seus compatriotas por seu isolamento cultural, cujas conseqüências desastrosas seriam uma quase completa ignorância sobre seus vizinhos de hemisfério, além de uma atenção exagerada aos produtos culturais do Velho Mundo. Para Putnam os países latino-americanos, como o Brasil, seriam os aliados naturais e os verdadeiros irmãos espirituais dos Estados Unidos.

É interessante que o escritor norte-americano com o qual Putnam compara Euclides da Cunha é Walt Whitman. Putnam estabelece um paralelo entre o estilo de Euclides como uma resposta às suas necessidades artísticas e o estilo de Whitman como uma tentativa de criar uma nova linguagem literária para expressar uma nova realidade: "Just as Whitman had to shape a new form, just as he had to forge a new vocabulary and a new style for a content that was quite new and which could not be run through the time-honored molds, so Cunha, in portraying the newly discovered, or 'rediscovered,' life of the Brazilian backlands, was compelled to hew out a literary implement that was suited to his needs" (viii). Segundo Putnam, entretanto, esta semelhança entre Whitman e Euclides não destrói o sentido de surpresa que o leitor norte-americano certamente experimenta quando descobre **Os Sertões**: "In making the acquaintance of Euclides da Cunha, the North American has an experience awaiting him which is comparable in quality to that of the European of the last century listening for the first time to Walt Whitman's 'barbaric yawp'" (viii). Apesar da novidade do estilo de Euclides da Cunha, **Os Sertões** não deveria parecer completamente estranho para um leitor norte-americano porque o conteúdo do livro de Euclides é análogo em espírito ao do "Poeta da Democracia Americana." Lendo Euclides da Cunha através de Walt Whitman, Putnam é levado a concluir que a tese da obra é o que Gilberto Freyre chamou, em **Atualidade de Euclides da Cunha**, de "a mística da unidade brasileira." Aqui tem-se a impressão que o pensamento de Putnam é influenciado muito mais pelo luso tropicalismo de Gilberto Freyre do que pelo determinismo de Euclides da Cunha.<sup>9</sup> Assim, de certa forma, Putnam não está sendo totalmente fiel à obra de Euclides. Todavia, a comparação entre Whitman e Cunha é útil na medida em que chama atenção para o perene problema da criação de um sentido de identidade nacional em países que, como o Brasil e os Estados Unidos, são caracterizados pela diversidade e pelo pluralismo, e que informa tanto **Os Sertões** quanto **Leaves of Grass**. Mais inesperada do que a comparação com Whitman é a afirmação de Putnam que a atitude de Euclides da Cunha quanto ao sertanejo indica que **Os Sertões** é um documento *contra* a idéia de Gumplowicz que as raças mais fortes estão destinadas a aniquilar as mais fracas (xiv).<sup>10</sup> Novamente, acredito que Putnam esteja sendo influenciado por Gilberto Freyre, porque na *Introdução* a **Os Sertões** Euclides fala claramente no "esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes" (p.86). Entretanto, a leitura que Putnam faz de Euclides não está completamente errada, na medida em que a apropriação por Euclides da Cunha da ideologia racista prevalecente no final do século dezenove foi algo que embora *intelectualmente* aceito, parece ter atormentado o autor de **Os Sertões**, levando-o à beira de um

---

<sup>9</sup> Não se deve esquecer que Samuel Putnam é também o tradutor de **Casa Grande e Senzala**, que é publicado em inglês em 1946 como **The Masters and the Slaves**.

<sup>10</sup> Seria bom lembrar que Samuel Putnam acreditava, um tanto ingenuamente, que o movimento abolicionista brasileiro foi "um dos maiores e mais edificantes impulsos morais da parte de todo um povo que a história jamais pôde mostrar" (x), uma posição que contém uma enorme dose de exagero.

impasse. Esse dilema, refletido estilisticamente na violência dos oxímoros que dominam **Os Sertões**, é só parcialmente resolvido pela mitificação do sertanejo num "centauro bronco", naquele "titã acobreado" que "é antes de tudo um forte."

## V

Apesar de quaisquer diferenças individuais entre esses três leitores anglo-americanos de Euclides da Cunha, há uma clara semelhança na sua visão do mundo e uma consistência na sua posição quanto a **Os Sertões**. Do ponto de vista das idéias políticas, Cunninghame-Graham e Putnam são declaradamente de esquerda, enquanto Goldberg, embora não abertamente de esquerda, assume posições normalmente associadas com causas progressistas. Os três homens são defensores ferrenhos da liberdade individual e da tolerância, atraídos pela obra de Euclides da Cunha não só porque reconhecem suas inegáveis qualidades literárias, mas especialmente porque vêem na história de Antônio Conselheiro e nos eventos de Canudos elementos que refletem suas preocupações políticas e humanitárias. Não há dúvida de que para eles não é somente um livro que trata da realidade brasileira, mas que se ocupa de questões de significado universal.

Suas análises levantam algumas interessantes questões teóricas sobre o problema da recepção. Em parte porque tendem a enfatizar as características universais de **Os Sertões**, esses três leitores anglo-americanos acabam por colocar em segundo plano a visão do livro como um produto da mentalidade determinista do final do século dezenove, dominante entre os críticos brasileiros e, ao mesmo tempo, por descobrir novos ângulos para a leitura do livro de Euclides da Cunha. É neste sentido que as idéias de Hans Robert Jauss sobre a recepção são particularmente relevantes: "Literary works differ from purely historical documents precisely because they do more than simply document a particular time, and remain 'speaking' to the extent that they attempt to solve problems of form and content, and so extend far beyond the silent relics of the past" (69). Jauss sugere que a história literária tradicional falha exatamente na medida em que é dominada por uma visão da obra literária como um objeto fixo: "A literary work is not an object that stands by itself and that offers the same view to each reader in each period" (21). O que a obra *é* tem muito menos a ver com seus componentes formais do que com a maneira como é percebida pelo leitor. Usando o conceito de *horizonte* emprestado a Hans-Georg Gadamer, Jauss mostra que a mesma obra será necessariamente apreendida diferentemente por diferentes leitores em diferentes épocas, não porque qualquer interpretação idiossincrática é válida, mas porque diferentes leitores concretizam sucessivamente o potencial de significado embutido naquela obra (30).

Ao sugerir que a imortalidade de uma obra é um processo diacrônico dependente de uma sucessão de mediações, Jauss reabre o "círculo fechado de produção e representação" dentro do qual uma grande parte dos estudos literários se moviam no passado.<sup>11</sup> Repensados a partir desta perspectiva, o "plágio" de R. B. Cunninghame-Graham, as generalizações de Isaac Golberg, ou os possíveis "erros" nas leituras de Samuel Putnam podem ser vistos como mediações produtivas, cujo efeito último é levar exatamente àquela "revelação do potencial de significado embutido na obra" que transcende qualquer leitura individual. Quando obras literárias são tratadas do ponto de vista da recepção, determinar qual é a leitura correta torna-se irrelevante e decidir se um leitor específico possui todas as credenciais necessárias para compreender uma determinada obra torna-se central apenas para os críticos dominados pelo mito da completa objetividade da leitura ou por um nacionalismo um tanto xenofóbico.

É claro que estes três pioneiros dos estudos brasileiros no mundo anglo-americano não possuíam nem a amplitude nem a profundidade de conhecimento sobre o Brasil que caracteriza a pesquisa dos brasilianistas contemporâneos. Apesar de todas as suas insuficiências, todavia, R. B. Cunninghame-Graham, Isaac Goldberg e Samuel Putnam revelaram-se leitores competentes, cujas abordagens de **Os Sertões** descobriram novos sentidos no texto euclidiano e desta forma aprofundaram nossa apreciação dessa monumental narrativa da

---

<sup>11</sup> However, recognizing the supratemporal character of this glorifying and immortalizing function does not mean contrasting the historicity of art with the timeless essence of an absolute beauty that has manifested itself only in the immortality of the work. The glorified immortality of the work of art is something that has been created *against* transience [sic] and within history itself" (Jauss 74-75).

guerra de Canudos, provando mais uma vez que qualquer grande obra literária transcende os limites da sua cultura e até mesmo da sua língua original. Mas o que é ainda mais importante é que as respostas criativas e por vezes apaixonadas desses três leitores demonstram que o ato da leitura é muito mais do que uma atividade puramente analítica, pois envolve as emoções, sentimentos, desejos e preconceitos do leitor tanto quanto a sua razão e entendimento.

## BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. Trad. Caryl Emerson. Minneapolis: U of Minnesota Press, 1984.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogo das Grandezas do Brasil**. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1943.

COLIE, Rosalie. **Paradoxia Epidemica: The Renaissance Tradition of Paradox**. Princeton: Princeton U Press, 1966.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Ed. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CUNNINGHAME-GRAHAM, Robert Bontine. **A Brazilian Mystic: Being the Life and Miracles of Antonio Conselheiro**. New York: Dodd, Meads and Company, 1920.

ELIOT, T. S. *Tradition and Individual Talent*. **Selected Essays**. 1932. New York: Harcourt, Brace and World, 1960. 3-11.

GARCIA, Frederick C. W. *Critic Turned Author: Isaac Goldberg*. **Luso-Brazilian Review** 9 (1972): 21-27.

\_\_\_\_\_. *Duas Apresentações de Euclides da Cunha*. **Luso-Brazilian Review** 8 (1970): 23-34.

\_\_\_\_\_. *Visão Americana sobre as Letras Brasileiras*. Diss. New York U, 1969.

GOLDBERG, Isaac. **Brazilian Literature**. New York: Knopf, 1922.

\_\_\_\_\_, trad. **Brazilian Tales**. Boston: International Pocket Library, 1921.

\_\_\_\_\_. *What South Americans Read*. **Bookman** 41 (1915): 382-393, 478-489, 641-652.

GREENE, Thomas M. **The Light in Troy: Imitation and Discovery in Renaissance Poetry**. New Haven: Yale U Press, 1982.

HUTCHEON, Linda. **A Theory of Parody: The Teachings of Twentieth-Century Art Forms**. New York: Methuen, 1985.

JAUSS, Hans Robert. **Toward an Aesthetics of Reception**. Trad. Timothy Bahti. Minneapolis: U of Minnesota Press, 1982.

KUNITZ, Stanley J. e HOWARD Haycraft, eds. **Twentieth Century Authors**. New York: H. N. Wilson, 1942.

\_\_\_\_\_. **Literary Writings in America: A Bibliography**. Vol.3. Millwood, n.Y.: KTO Press, 1977.

PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa**. Salvador, Bahia: Progresso, 1950.

PUTNAM, Samuel. **Marvelous Journey: A Survey of Four Centuries of Brazilian Writing**. New York: Knopf, 1948.

\_\_\_\_\_, trad. **Rebellion in the Backlands**. Por Euclides da Cunha. Chicago: The University of Chicago Press, 1944.

ROOD, Karen L. *Samuel Putnam*. **Dictionary of Literary Biography**, vol.4. Detroit: Gale Research Company, 1980. 333-343.

VARGAS LLOSA, Mario. **La guerra del fin del mundo**. Barcelona: Seix Barral, 1981



WALKER, John. Introduction. **The South American Sketches of R.B. Cunninghame Graham**. Por R. B. Cunninghame Graham. Norman: U of Oklahoma Press, 1978.

WATTS, Cedric e LAURENCE Davies. **Cunninghame Graham: A Critical Biography**. Cambridge: Cambridge U Press, 1979.